



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

26 DE JANEIRO DE 1978.

VISITA AO URUGUAI.

ENTREVISTA COLETIVA CONCEDIDA A
IMPrensa, NA EMBAIXADA DO
BRASIL.

«Não era propriamente meu objetivo, aqui em Montevidéu, realizar essa entrevista, mas acho que, por deferência especial à imprensa, devo dizer algumas palavras e explicar as motivações da minha visita. Desculpem-me falar em português, mas não desejo estropiar o belo idioma espanhol.

A razão principal da minha visita é atender ao convite que me fez o Presidente Aparicio Méndez, quando esteve no Brasil. É uma questão de reciprocidade. Ele esteve no Brasil, era justo que eu viesse a Montevidéu.

Como resultado objetivo desta visita, temos a implementação, agora num sentido prático, dos tratados que havíamos firmado anteriormente, relativos ao aproveitamento do rio Jaguarão e da Bacia da Lagoa-Mirim.

Não desejo, nesse sentido, envaidecer-me. Essa obra vem sendo trabalhada há muito tempo: somos, nesse sentido, apenas fiéis discípulos do grande Barão do Rio Branco. Ele efetuou, mediante tratado celebrado em 1912, a retificação de fronteiras com o Uruguai, estabelecendo condomínios sobre o rio Jaguarão e a Lagoa-Mirim. Pois bem, nós agora estamos tratando — não apenas no meu Governo, mas também em Governos anteriores — de dar aprovei-

tamento real a esse rio e a essa bacia. Vamos realizar em conjunto, os dois países, em condições de plena soberania e plena igualdade, o aproveitamento do rio Jaguarão através de barragens, para permitir, de um lado, como objetivo principal, a irrigação de imensas áreas do Rio Grande do Sul e do Uruguai. São 95 mil hectares que vão ser suscetíveis de irrigação e que vão ser destinados à produção de arroz, à produção de alimentos. E, complementarmente, nas represas que se fizerem, — e que são duas, Centurião e Talavera — vamos gerar eletricidade para beneficiar essa região desprovida de energia.

Minha visita constitui essencialmente, de um lado, a retribuição amistosa da visita com que o Presidente do Uruguai honrou o Brasil e o reforço dos laços de amizade que tradicionalmente nos ligam a este país; e, de outro, efetivar os objetivos deste programa de aproveitamento do rio Jaguarão e da Lagoa-Mirim, num desdobramento daquilo que o ilustre e grande brasileiro, que foi o barão do Rio Branco, anteviu, quando, em 1912, celebrou o Tratado da Lagoa-Mirim.

Essa a explicação do sentido de minha visita, seus fundamentos e seus resultados.

É claro que, além dessas questões relacionadas especificamente com a Lagoa-Mirim e o rio Jaguarão, foram tratados muitos outros tópicos. Embora de menor vulto, de interesse relativamente secundário, visam todos essencialmente a conjugar, cada vez mais, os interesses do Brasil e do Uruguai.

Torno a dizer o que já tenho dito várias vezes: o Uruguai e o Brasil são dois países que constituem exemplo para o mundo do que pode ser a fraternidade entre os povos. Ao longo de uma fronteira de mais de mil quilômetros de extensão se situam várias cidades geminadas, onde brasileiros e uruguaios convivem como bons amigos, num entrelaçamento familiar, numa cooperação recíproca, em que às vezes é difícil distinguir qual é a nacionalidade de cada um — e fazemos tudo isso sem prejuízo do nosso espírito de independência, de autodeterminação, de soberania e respeito mútuo.

É claro que, após essas declarações, estou disposto a responder a uma ou outra pergunta que me quiserem fazer. Peço apenas que me façam poucas, porque meu tempo é curto e meu programa é muito intenso. Façam, por favor, perguntas bem claras para que eu possa responder.»

P — Nas conversas com o Presidente Méndez, foi tratada a política de Carter, especialmente quanto aos direitos humanos? Há coincidência de pontos de vista sobre esse tema entre os dois países? (pergunta de um jornalista uruguaio) .

R — Propriamente não se tratou desse tema. Mas há afinidade entre o Uruguai e o Brasil no sentido de respeito aos direitos humanos. Ambos os países se preocupam em assegurar esse respeito. Mas, como disse no México, recentemente, em entrevista à imprensa, o nosso conceito — pelo menos o meu, e acredito que também o do Governo uruguaio — é bem mais amplo do que aquele que se apresenta

normalmente nos nossos jornais. Acho que direitos humanos, inclusive de acordo com a Carta das Nações Unidas, envolvem muitos direitos básicos, essenciais do indivíduo: é o direito à saúde, à educação; é o direito à alimentação, é sobretudo o direito ao emprego, é o direito a ter uma vida justa, razoável, equitativa dentro do quadro mundial. É claro, há também o direito à liberdade, há os direitos políticos, que o indivíduo tem que exercer dentro dos limites impostos pela vida na coletividade; porque o exercício desses direitos requer, em contrapartida, a necessária responsabilidade. Mas não abordamos especificamente nenhum problema relacionado com a política do Presidente Carter.

P — Como ficaram as questões da importação de carne uruguaia e da autorização para pesca da merluza em águas uruguaias? (pergunta de um jornalista brasileiro).

R — Com relação à carne, conversei hoje de manhã com o Presidente Aparicio Méndez. Não há a preocupação, nem de um lado nem do outro, de fazer um acordo permanente. O Brasil comprará carne do Uruguai quando precisar e quando o Uruguai tiver carne disponível. Os produtores de carne do Brasil podem se tranqüilizar, porque não compraremos carne do exterior enquanto houver carne no Brasil suficiente para alimentar o povo brasileiro. Poderemos continuar a comprar carne do Uruguai, como temos comprado, sempre que tivermos necessidade, inclusive no sistema «drawback», quer dizer, carne para ser importada com o objetivo de industrialização no

Brasil e, posteriormente, ser exportada. Mas não há nenhum acordo de caráter definitivo estabelecendo no Brasil um mercado cativo para a carne do Uruguai. Independente disso, é evidente, como temos feito nesses anos todos, sempre que necessitarmos daremos preferência ao mercado uruguaio, para comprarmos carne.

Já a pesca constitui realmente um problema muito difícil, porque os interesses do Brasil e os interesses do Uruguai não se conciliam. Ficou combinado e acertado que organizaríamos uma comissão de representantes do Uruguai e do Brasil, para identificar, após exame pormenorizado do problema, que negociação se poderia fazer a respeito. Eventualmente, pode-se pensar na constituição de empresa de economia mista que aproveite o pescado existente no Uruguai e execute uma relativa industrialização do produto — uma parte aqui e outra parte talvez no Rio Grande do Sul. Esse assunto vai, entretanto, depender das conclusões a que chegar essa comissão mista.

P — Um repórter uruguaio indagou sobre acusações de política expansionista por parte do Brasil, tendo por base ocupação de terras nas fronteiras de outros países, por parte de brasileiros.

R — O Brasil não tem política expansionista. Dez países têm fronteira com o Brasil, desde a Guiana Francesa até o Uruguai. Vivemos em paz, em tranqüilidade, com todos esses países e com todos eles praticamos uma política de aproximação e de desenvolvimento. É claro, e esse fato vem desde o

século passado, que existem proprietários brasileiros em território uruguaio, como existem proprietários brasileiros no Paraguai, na Bolívia, mas isso não traduz uma política expansionista, porque esses proprietários estão sujeitos às leis próprias dos países onde trabalham. Creio que o Brasil não tem por que endossar ou continuar a política expansionista que prevaleceu em séculos passados, na época que Espanha e Portugal se defrontavam. O Brasil é um país imenso, tem 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Estamos preocupados em conquistar é o Brasil. Na conquista do Brasil é que está o nosso esforço.

P — Como analisa a projeção da política externa brasileira no quadro mundial? (pergunta de repórter brasileiro)

R — Veja bem, de um lado o mundo está diminuindo fisicamente, as distâncias se encurtam, em decorrência do progresso dos meios de transporte, de outro lado, progredem os meios de comunicação. Essa é uma das grandes conquistas do Brasil, onde ambos se desenvolveram extraordinariamente. Falamos por discagem direta com quase todos os países do mundo, instantaneamente. Então, nesse mundo menor, é evidente que o Brasil, de um lado, se torna mais conhecido. Ninguém mais pergunta onde é o Brasil e o que é o Brasil. Eu me lembro que durante a guerra, fazendo um curso no exterior, olhavam para mim e para meus companheiros e perguntavam: «Where are you from?» Quando dizíamos que éramos do Brasil, eles indagavam: «Where is it?» Acho que hoje em dia ninguém mais pergunta isso. Por

quê? De um lado porque o Brasil, economicamente, politicamente, socialmente, pacificamente, cresceu no quadro mundial. Não sei se isso responde a sua pergunta, se isso lhe satisfaz.

P — Um jornalista uruguaio perguntou sobre a possibilidade de abertura política e eleições próximas no Brasil.

R — No meu governo já houve duas eleições no Brasil e neste ano de 78 vai haver uma nova eleição. Vai haver eleições para as Assembléias Estaduais, para a Câmara dos Deputados, para o Senado, para Governadores dos Estados e para Presidente da República. Acho que tudo isso denota desenvolvimento político.

Imaginamos realizar aberturas políticas, mas com o necessário cuidado para evitar a volta ao passado. Vivemos um passado lamentável, ao qual o Brasil não pode retornar mais. As aberturas políticas que faremos, e que representam um passo no sentido do aperfeiçoamento da democracia, têm que ser efetuadas com as devidas cautelas para que não volte-mos a defrontar-nos com o espectro de um passado sumamente prejudicial à vida e ao desenvolvimento do Brasil.

P — Um repórter brasileiro pediu um comentário sobre a expansão do protocolo comercial com o Uruguai.

R — Não há no momento nada de novo nesse sentido. Haverá, dentro em breve, novas negociações, uma nova rodada de entendimentos entre uru-

guaios e brasileiros, para identificar a viabilidade de aberturas maiores no comércio bilateral. Mas acho que já progredimos muito nesse campo. O comércio entre o Uruguai e o Brasil, hoje em dia, está em nível bem mais elevado do que há anos atrás.

P — Do aspecto econômico e político, dos temas que estão sendo tratados, o que ressalta como mais importante? (repórter uruguaio)

R — Acho que não só aspectos econômicos e políticos. Talvez tenha sido falho na análise da questão, porque há problemas sociais que se entrelaçam. Os aspectos econômicos e os políticos são separados apenas para efeitos didáticos, porque na realidade há uma integração. Tanto são importantes os econômicos como os políticos. Mas nossa finalidade básica, fundamental, consiste em vincular cada vez mais os dois países; preservando suas identidades, suas independências, suas soberanias, fazer com que se aproximem e se tornem cada vez mais amigos. Ontem ressaltai ser esta a quarta vez, no meu governo, que os Presidentes dos dois países se encontravam. E em todas as vezes que nos encontramos, sempre nossas reuniões terminaram muito cordialmente.

P — Existe alguma razão especial para que a primeira magistratura do país seja exercida por um militar e não um civil? (jornalista uruguaio)

R — Já estamos saindo novamente do tema nosso, que seria o relacionamento uruguaio-brasileiro...

P — «Pero como hermanos isso nos interessa mucho...» — disse o jornalista uruguaio.

R — Veja bem que a distinção entre militares e civis não tem muito cabimento, porque os militares brasileiros têm uma origem extraordinariamente popular. Todos os militares do Exército, da Marinha e da Força Aérea são homens que nasceram do povo. Eu constituo um exemplo e creio que meus companheiros, de maneira geral, também podem comprovar isso. Nós não constituímos, dentro do país, uma casta. Somos indivíduos estreitamente vinculados ao povo, onde nascemos e com o qual convivemos. Poderia ser um civil como poderia ser um militar, mas eu acho que nas circunstâncias atuais ainda é conveniente que seja um homem militar.

Desculpem não responder mais, teria muita coisa para lhes dizer, mas não tenho mais tempo.»